



CONCEITOS DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA

Dalben (2006) argumenta com base em GATTI (2003) que a formação continuada de professores consiste numa questão psicossocial, em função da multiplicidade de dimensões que essa formação envolve, a dizer:

1- Especialidade envolve a atualização do universo de conhecimentos dos professores. Ancora-se na constante reavaliação do saber que deve ser escolarizável sendo, por isso a dimensão que mais direciona a procura por projetos de formação continuada.

2- Didática e pedagógica envolve o desempenho das funções docentes e a prática social contextualizada. A prática docente é essencialmente uma prática social, historicamente definida pelos valores postos no contexto. Isso significa que, por vezes, propostas didáticas poderão se confrontar com as experiências, expectativas pessoais ou desejos dos docentes.

3- Pessoal e social envolve a perspectiva da formação pessoal e do auto conhecimento. Enfocada pela necessidade de interação em contextos diversos e a necessidade de entender o mundo e a sua inserção profissional neste mundo.

4- Expressão-comunicativa valorização do potencial dos professores de sua criatividade e expressividade no processo de ensinar e aprender. É uma busca de caráter operacional, técnico.

5- Histórico cultural – envolve o conhecimento dos aspectos históricos, econômicos, políticos, sociais e culturais incluindo a história da educação da Pedagogia e sua relação com as necessidades educativas postas no contexto.

Como também, questionamentos de MARIN (2002) que entende que a formação continuada de professores deveria transformar a escola em espaço de troca e de reconstrução de novos conhecimentos. Deveria partir do pressuposto da educabilidade do ser humano, numa formação que se dá num continuum, em que existe um ponto que formaliza a dimensão inicial, mas não existe um ponto que possa finalizar a continuidade desse processo. Assim, a formação continuada é, em si, um espaço de interação entre as dimensões pessoais e profissionais em que aos professores é permitido apropriarem-se dos próprios processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro de suas histórias de vida.

Além destes que já foram citados, temos outra contribuição fundamentada em MASSETO

(2009) argumenta que os estudos no campo da formação do professor universitário, apontam para a necessidade de integrar à formação na área específica, conhecimentos relativos à educação e ao ensino, importantes para a construção da profissionalidade docente, levando em consideração que esta profissionalidade também se constrói no processo de aprendizado e da experiência real.



Nesse sentido, emerge a seguinte questão: Como pensar um programa de formação que integre os conhecimentos específicos da área de formação do professor aos conhecimentos pedagógicos, produzidos na área da educação, mas que, sobretudo, contribua para promover reflexão sobre a sua própria práxis face às exigências postas pela sociedade do conhecimento?

Para muitos docentes sua formação pedagógica dependia de ter respostas para perguntas como:

- 1- como posso dar melhor minha aula?
- 2- que técnicas posso usar para que os alunos se interessem por minha aula?
- 3- que vou ensinar aos meus alunos na aula de hoje?

Essas perguntas hoje começam a ser substituídas por outras:

1- o que meu aluno do 3o. Semestre do curso de graduação em Administração precisa aprender nesta ou naquela disciplina para que se forme um profissional conforme definido pelo Projeto Político Pedagógico do curso?

2- como fazer para que meu aluno descubra a relevância e importância da matéria que estou lecionando e se envolva com seu processo de aprendizagem?

3- como fazer para que o aluno venha estudar para aprender e não só tirar uma nota?

Tais perguntas incidem sobre o processo de aprendizagem.

A compreensão do conceito deste processo altera significativamente a postura e as práticas pedagógicas dos docentes do ensino superior. Por esta razão, sua formação pedagógica passa por esta reflexão. (cf. MASETTO, 2009, p. 3)

Estas mudanças na formação e na prática pedagógicas para se concretizarem exigirão um trabalho de educação permanente e em serviço destes docentes para que possam criar estas atitudes diferenciadas e adequadas às novas exigências para a formação de profissionais. Falamos de um processo de educação permanente, o que quer dizer, atividades e tempo contínuos neste trabalho, pois as mudanças irão aparecer aos poucos e continuamente, jamais todas e de um momento para outro. Para desenvolvimento deste processo destacamos, entre outros, os seguintes pontos:

1. Compreender e assumir que professor e aluno são sujeitos de um processo de aprendizagem. Isto quer dizer: valorização da relação de trabalho em equipe entre os docentes, destes com os alunos e dos alunos entre si num ambiente de colaboração em busca de se conseguirem atingir os objetivos educacionais propostos. Inclusive a relação de hierarquia e poder é ressignificada para um relacionamento de parceria e co-responsabilidade pelo processo de aprendizagem.

2. Incentivar a mudança de atitudes dos alunos que os levem a seu papel de sujeitos no processo e aprendizagem através do planejamento de atividades concretas



que lhes garantam e deles exijam trabalho, participação, pesquisa, diálogo e debate com outros colegas e com o professor, produção de conhecimento individual e coletivo integrando as várias áreas de conhecimento, atuação na prática integrando nela os estudos teóricos, habilidades e atitudes a serem desenvolvidas.

3. Assumir um novo papel do professor (ele também um aprendiz) no processo de aprendizagem como intelectual pesquisador, crítico, cidadão e planejador de situações de aprendizagens; mediador e incentivador dos alunos em suas aprendizagens; trabalhando em equipe e em parceria com os alunos e seus colegas professores, superando o individualismo e a solidão reinantes na docência.

4. Numa proposta de se trabalhar com grandes temas interdisciplinares na reorganização dos conteúdos, e na ênfase da aprendizagem colaborativa em pequenos grupos está posto um novo papel do docente: o de orientador destes pequenos grupos trabalhando com grandes temas.

5. Rever a metodologia do trabalho docente e discente é a consequência imediata da reformulação do processo de aprendizagem anunciado acima, privilegiando estratégias e técnicas que favoreçam a participação do aluno, a interação entre o grupo e dos alunos com o professor, a colaboração na construção do conhecimento e na aprendizagem na prática. Os objetivos educacionais selecionados deverão orientar a escolha de técnicas, uma vez que várias das habilidades e competências se desenvolverão mais com estratégias do que com teorias e informações. Por exemplo: como aprender a tomar decisões, trabalhar em equipes multi ou interdisciplinares, pesquisar, dominar os recursos eletrônicos, resolver problemas, desenvolver co-responsabilidade na aprendizagem, comunicação e assim por diante, são aprendizagens que serão adquiridas através de estratégias próprias. Não podemos deixar de chamar a atenção para a exploração das novas tecnologias que se baseiam na informática, na telemática, na internet, e que propiciam atividades a distância, fora do espaço sala de aula, bem como as estratégias que propiciam uma aprendizagem em ambientes profissionais, como estágios, visitas técnicas e outras.

Exploração de espaço e tempo novos: a aula seja assumida como um tempo e espaço de estudos, debates, pesquisas, discussões, contatos com especialistas e por isso mesmo com flexibilidade de horário e serem confinadas aos tempos de 50 ou 100 minutos, que só propiciam aulas- conferências com pouca ou nenhuma participação dos alunos.

6. Rever o processo de avaliação, compreendendo-o como processo integrado ao processo de aprendizagem, como elemento motivador e incentivador da aprendizagem, com feed backs contínuos corrigindo, oferecendo novas oportunidades de aprendizagem ao aluno, incentivando-o a crescer e se desenvolver.

É importante que o docente compreenda que a primeira grande característica de um processo de avaliação é que ele se integre ao processo de aprendizagem como um elemento de incentivo e motivação para a aprendizagem. E esta é a primeira diferença em nossa prática: não estamos acostumados a ver a avaliação como incentivo à aprendizagem e sim como identificadora de resultados obtidos.



Uma segunda característica decorre desta primeira: para incentivar e motivar o processo de aprendizagem há necessidade de que o aprendiz seja informado continuamente de seus progressos para animá-lo ainda mais ou de seus erros para serem corrigidos. Trata-se do feed back contínuo, presente em todos os momentos do processo de aprendizagem.

Temos insistido em que o processo de avaliação está integrado ao processo de aprendizagem. Este resulta da inter-relação de, pelo menos, três elementos: o aluno que procura adquirir aprendizagens; o professor, cujo papel é o de colaborar para que o aluno consiga seu intento; e um plano de atividades que apresente condições básicas e suficientes que, sendo realizadas, permitam ao aprendiz atingir seu objetivo.

Assim sendo, o processo de avaliação que procura oferecer elementos para avaliar se a aprendizagem está se realizando ou não, deve conter em seu bojo uma análise não só do desempenho do aluno, mas também do desempenho do professor e da adequação do plano aos objetivos propostos.

7. Rever o significado, a importância e a dinâmica da aula – Um último ponto a ser refletido pelos docentes em um processo de formação pedagógica diz respeito à compreensão do significado de aula.

DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. Concepções de Formação de Professores. FAE. UFMG. Fórum Permanente de Formação continuada de professores. Seminário 2004.

MASETTO, Marcos Tarciso. Formação Pedagógica dos Docentes do Ensino Superior. Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Administração, v.1, n. 2, p. 4-25, Jul. 2009.